

As trevas sobre o abismo

OTTO LARA RESENDE

AVC

"Que país, santo Deus!" Monteiro Lobato

No recente protesto dos agricultores, o que primeiro impressiona é o espetáculo de massa, que por sua vez pode ser visto, televisto, por toda a massa de espectadores espalhados pelos quatro cantos do País. Até outro dia mesmo, há 30, 40 anos, o Brasil era tido e havido como País essencialmente agrícola. Agrícola e monocultor, com o império do café sobre as finanças e a política. O grande perigo era o êxodo rural. Na Faculdade de Direito, em Minas, durante a guerra, o velho prof. Pedro da Mata Machado pregava a salvação nacional pela volta ao campo.

Os surtos industriais que vieram depois da I Grande Guerra, passaram por 1930 e chegaram à II Guerra Mundial, começaram a mudar a fisionomia do País, mas não tanto. A lavoura continuou dominante. A roça estava no inconsciente nacional. Na cidade mugia o remorso do campo abandonado. Por muitos anos, reforma era de fato e somente a reforma agrária. O mal, só o latifúndio. A industrialização foi-se fazendo a duras penas, contra o que seria a nossa predominante vocação agrícola. Brasileiro, bom brasileiro, cem por cento brasileiro, era o Jeca Tatu — opilado, pessimista, sem horizonte.

A crer nos profetas do status quo, o Brasil jamais chegaria a produzir qualquer coisa que prestasse. Bom, só o que vinha do estrangeiro. O otimismo de JK, por exemplo, teve de enfrentar e vencer preconceitos seculares. Fabricar automóveis? Loucura. O operário brasileiro era um bronco. Incapaz de distinguir um parafuso, ou manejar um torno. Estradas asfaltadas, nem falar. A estrada Rio-Beio Horizonte era tida como uma fantasia. Mentira. O Governo tinha mandado pintar no chão uma fita de asfalto. Era tinta, para permitir o lacinho inaugural, o discurso e o retrato.

Nesse tempo que não é tão distante assim, tudo que se consumia era importado. Um senhor distinto jamais envergaria uma roupa de tecido nacional. O arroz vinha da China. A manteiga era belga. Confirmam nas memórias de Gilberto Amado. O País de vocação agrícola não chegava a produzir o suficiente para a alimentação e o consumo da classe mais favorecida. Era o tempo em que, segundo Rubem Braga, todos os jornais tinham um redator essencialmente agrícola. A lavoura pedia atenção especial. O tal redator valia por toda uma editoria econômica de hoje. Aos poucos, com subsídio,

crédito, protecionismo, a indústria reclamou prerrogativas e até privilégios. Foi quando Flávio de Carvalho, com o gosto do escândalo, gritou numa entrevista que o agricultor era o trouxa da nação. Na verdade, nas cidades que começavam a inchar, a gente não via nem tomava conhecimento da lavoura. Isto era coisa do redator essencialmente agrícola. Ou do Partido Rural Brasileiro, que em 1945 teve candidato próprio a Presidente da República. Na Constituinte de 46, no máximo ouvia-se o tropel dos pecuaristas pedindo a moratória. O perdão de suas dívidas no Banco do Brasil. A classe parece que aprendeu a chorar com os bois a caminho do corte.

Um protesto agrícola, como esse agora, enfia pelos nossos olhos adentro uma legião de agricultores, com um dilúvio de máquinas. Repito: o espetáculo impressiona. Tudo brasileiro, feito aqui. A gente se pergunta como é que ainda tem gente, gente como a gente, passando fome neste país de duas safras anuais. Fala-se agora em 65 milhões de toneladas de grãos. O boi gordo está aí de novo. Parece que as matrizes mortas ressuscitaram. Pena que o cruzado, erigido em programa político-eleitoral, como disse o Ministro Aureliano Chaves, tenha dado com os burros n'água. Os burros, os bois e as demais alimárias. E sempre aos milhões. Milhões de cabeças. Quatrilhões de patas.

Com esse multiplicador, fruto da explosão demográfica, e também do progresso, tudo no Brasil hoje é multidão. Até a Constituinte, que tem 559 representantes. Há gente pra tudo. Filas para comprar selo e filas para apreciar a carne de preço liberado. Com o ímpeto de tamanha exuberância, os juros sobem às nuvens e a inflação bate recordes insuspeitados. Na Constituinte, ao que se saiba, não há nenhum Montesquieu, mas as sugestões enchem montanhas de papel. Os computadores made in Brazil estão atulhados. Pois nesta hora volta a crise, redobrada. Avulta a dívida externa. O País está de novo sem moeda. Milhões de olhos inquietos fixam as nuvens negras, temem a turbulência e perguntam pela saída. Há uma sombra parada no ar. Aqui e lá fora já se fala na volta do caos, nosso velho conhecido. Eta País monótono. Estamos condenados a não sair do Gênesis. Desculpem, mas haja saco (de resto, saco é um anagrama de caos). E valha-nos São Judas Tadeu.